



Instituto Federal de Brasília
Campus Brasília
Curso Licenciatura em Dança

Kelen Mendes de Jesus

A SUBJETIVIDADE DA DANÇA NA SOCIEDADE FLUIDA

Brasília
2018

Kelen Mendes de Jesus

A SUBJETIVIDADE DA DANÇA NA SOCIEDADE FLUIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Brasília
2018

Kelen Mendes de Jesus

A SUBJETIVIDADE DA DANÇA NA SOCIEDADE FLUIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Marcos Ramon Gomes Ferreira – Orientador

Fernando Antonio de Alvarenga Grossi – Examinador

Luiz Cláudio Renouveau de Carvalho – Examinador

RESUMO

Este trabalho abordou a da subjetividade da dança em meio a influências da sociedade moderna, e procura destacar as mudanças geradas na organização do corpo. Apontando a sua liquidez, fluidez, maleabilidade e fragilidade, assim como nas estruturas de poder que norteiam a sociedade moderna. Aponta a relação frágil do indivíduo como pressuposto a transformação dos humanos em mercadorias; aqueles que podem ser consumidos e jogados fora a qualquer momento. E nesse contexto que a dança, arte que é permeada por corpos considerados mais líquidos e plásticos, e que busca uma instantaneidade que já não tem uma estrutura fixa, mas uma necessidade constante de novidades.

Palavras-chave: sociedade moderna, corpo, dança, liquidez.

ABSTRACT

This research discussed the context of the subjectivity of dance in what refers to the influences of modern society, where it sought to highlight the changes generated in the organization of the body, pointing to its liquidity, fluidity, malleability and fragility, as well as the power structures that guide society in contemporary times. Pointing to the fragile relationship of the individual as presupposed the transformation of humans into commodities that can be consumed and thrown away at any time. And in this context dance as an art that is permeated by bodies that are considered more liquid and plastic, and which seeks an instantaneity that no longer has a fixed structure but a constant need for new things.

Keywords: modern society, body, dance, liquidity.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
SOCIEDADE FLUIDA.....	9
CONCEPÇÃO DE CORPO E INFLUÊNCIA NA DANÇA CONTEMPORÂNEA.....	17
FLUIDEZ NA DANÇA.....	24
CONSIDERAÇÕES.....	28
REFERÊNCIAS.....	30
	30

INTRODUÇÃO

Na atualidade existem mais pessoas que querem falar, gritar e vomitar o que têm e até mesmo com o que não têm, e poucas pessoas que querem e param alguns instantes para ouvir; simplesmente ouvir. Vivemos em uma sociedade embalada pela pressa, o medo e pelas relações superficiais; os ouvidos parecem surdos de tanto ouvir, os olhos, poluídos pelo cotidiano, sombras invisíveis. O indivíduo, cada vez mais ausente da consciência de seu próprio corpo, mais imerge na subjetividade coletiva. Percepções sobre o mundo que nos cerca e o modo como somos influenciados pelas mídias, tudo me atraiu para pesquisar sobre esta subjetividade da dança na sociedade.

Este trabalho tem por objetivo geral investigar a concepção de dança na sociedade atual. Tendo em vista as mudanças do corpo na sociedade moderna, onde há influência direta nas concepções da dança. Que por sua vez sofre mudanças neste contexto sociocultural. Com isso esse trabalho busca perscrutar como a dança afeta pelas transformações da sociedade atual.

Os objetivos específicos são: 1) identificar o conceito de fluidez nas sociedades contemporâneas; 2) examinar a concepção de corpo na modernidade e suas implicações; e 3) relacionar a ideia de sociedade fluida com a estética da dança contemporânea.

Para essa pesquisa sobre a sociedade fluida no contexto da dança, foi utilizado o método de pesquisa documental e biográfica, com a finalidade de analisar o corpo na sociedade contemporânea e as implicações que os novos moldes de corpo provocam na dança. Para isso, foi realizado o levantamento e a seleção de textos, referências audiovisuais, artigos e trabalhos acadêmicos sobre dança e corpo no contexto da sociedade atual, e os conceitos de sociedade fluida.

A pesquisa foi baseada em estudos de autores como, por exemplo, Bauman (2001), Vargas Llosa (2013), Louppe (2012) e Le Breton (2003). Esses e outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto foram escolhidos por retratar as novas facetas do corpo da dança contemporânea e dos novos moldes de sociedade.

Partindo dos conceitos apresentados pelos autores, e após a leitura da bibliografia, acesso aos referenciais audiovisuais que darão suporte para a análise, interpretação do material teórico e prático sobre o corpo e a dança contemporânea, bem como análise documental do material, foi necessário à etapa descritiva da pesquisa, e às reflexões pessoais sobre o tema.

A busca pela liberdade de expressão e opinião, a liberdade de querer “ser” e “fazer” tudo que convém para um indivíduo, tem a cada dia crescido e modificado os parâmetros de aceitação na sociedade. A velocidade e ferocidade de informações se tornaram instantânea com e tudo acontece muito rápido, e se perde com a mesma rapidez.

No século XXI não há aprofundamento de conteúdo, referenciais teóricos e solidez de personalidades e “personagens” de cada indivíduo, como em décadas anteriores. O que faz com que nos tornemos parcialmente incapazes de manter a mesma identidade por muito tempo. O que reforça, por sua vez, um estado temporário e frágil das relações sociais e dos laços humanos. Muitos valores foram substituídos pela busca do material; cada um esqueceu de cuidar de si, e suas relações com o outro e com o seu próprio corpo.

O sistema de produção de consumo, que deve se manter em contínuo crescimento, não produz apenas para suprir as necessidades humanas, mas também para, criar novas necessidades e vender interesses. Assim, a superficialidade torna-se parte de um meio de controle de classes, muito eficiente. Ter o conhecimento do mundo em apenas alguns segundos parecem muito atrativo, mas se essa informação não gerar transformação ou movimento de algum modo, seja para questionar, criticar, ou até mesmo para o contemplar, essa informação se torna vazia e fútil.

A dança também tem passado por modificações e transformações no que diz respeito a os conceitos que definem o que é dança ou não. Tempos atrás, o entendimento daquilo que se chama de dança era muito nítido e claro, envolvendo conexão direta com a música, a coreografia (sequência de passos estabelecidos), os bailarinos etc. Essas e outras características definiam e diferenciavam a dança de outras artes, identificando-a como dança ou não. Mas hoje, essas premissas já não têm tanta importância, é possível ver dança até mesmo sem um corpo, apenas com objetos, como é o caso da Instalação de Daniel Wurtzel-Pas de Deux¹.

¹ Daniel Wurtzel, em obras como *Air Sculpture* se apropria das propriedades físicas dos materiais e as manipula com o conhecimento científico, criando obras interativas e únicas. Um artista contemporâneo que em seu discurso sincrético, literalmente tira as bases da escultura.

É perceptível que a dança tem se tornado cada vez mais fluida, líquida, maleável, deixando de ser algo longínquo e distante para ser cada vez mais acessível e cotidiana. Para alguns, a dança é fruto da necessidade de expressão do homem, uma necessidade intrínseca à natureza humana, através da qual pode-se expressar tudo, e com isso a arte da dança sofre mudanças e se adequa ao seu tempo como a arquitetura, as artes plásticas, a pintura, a música e a poesia.

No primeiro capítulo será discutido as mudanças ocorridas na sociedade segundo a perspectiva de Zygmunt Bauman a partir da leitura do livro, “Modernidade Líquida”, onde o autor fala sobre a liquidez, fluidez da sociedade moderna. A contextualização da cultura se dará pela visão dos autores Vargas Llosa e Roque Laraia a partir, respectivamente da leitura dos livros, “A civilização do espetáculo” e “Cultura um conceito antropológico”. Será discutido como o corpo é moldado e padronizado pela cultura cibernética, onde o indivíduo perde características de ser si mesmo por meio da sua singularidade, para se tornar objeto de outrem, em uma espécie indução coletiva provocada pela crescente virtualização do corpo e dos relacionamentos, como produto da sociedade moderna.

O segundo capítulo abordará a concepção de corpo e a influencia na dança contemporânea, a partir dos autores David Le Breton, Marcia Almeida e Laurence Louppe. Em uma concepção de que a dança vem mudando ao longo do tempo, acompanhando o ritmo do corpo em uma sociedade fluida. Todas as mudanças ocasionadas na sociedade pela globalização cibernética influenciam diretamente no comportamento do corpo, alterando a forma que o indivíduo se relaciona com o mundo a sua volta e com o próprio corpo. Sendo o corpo uma construção simbólica do meio social e cultural que em vive, e não uma realidade de si. Será trado da plasticidade e maleabilidade que o corpo assume diante da sociedade moderna, transformando também a dança em uma arte fluida.

Já no terceiro capítulo, discutirei brevemente sobre a fluidez na dança, que assim como a sociedade moderna, a dança contemporânea está em constante construção e apresenta uma pluralidade estética, descontinuidade, diversidades de códigos, não impõe modelos rígidos. A dança não é neutra, ela permeia e é permeada, a todo tempo, em qualquer época e situação, por cada corpo que se dispõem propagar, disseminar, difundir e transmitir um pouco de cada arte que cada indivíduo vive. Para isso utilizei os autores Jussara Setenta e Ana Maria José.

SOCIEDADE FLUIDA

A cada ano, novas tecnologias são lançadas, além de novas tendências de moda e estética. Todas essas mudanças sociais e culturais influenciam diretamente o comportamento do corpo, alterando seu estado de ativo para passivo e muitas vezes, o fazendo refém dos novos “modelos” culturais. As formas de vida contemporâneas, se assemelham pela vulnerabilidade, fluidez e incapacidade de manter a mesma identidade por muito tempo, o que reforça o estado temporário e frágil das relações sociais e dos laços humanos.

O acesso às informações, seja pelo modo que for, tem se tornado cada vez mais instantâneo. Tudo acontece muito rápido e se perde com a mesma rapidez. O acúmulo de informações, tanto audiovisuais, fotográficas, sonoras, quanto aquelas produzidas por meio de textos e reportagens, faz com que os indivíduos acabem se “perdendo” dentro desse imenso mundo de informações. Isso se dá principalmente pelo crescente poder da mídia, que influencia não apenas a moda, a estética e a música, mas também o pensamento “crítico” numa espécie de indução. Indução essa imperceptível, lenta e contínua, que molda pessoas, manipula escolhas políticas, modifica o relacionamento das pessoas com os produtos e mercadorias, e a própria noção de corpo.

Por meio dos conteúdos que se tornam acessíveis pelos diversos meios de comunicação de massa, as pessoas acabam convencidas de que o melhor é serem parecidas com o que é exibido pela mídia. Este padrão de semelhança irá se refletir em diversos meios da sociedade, inclusive no corpo que dança.

O papel das mídias na sociedade pode ser pensado a partir do seu poder de propor definições da realidade via agendamentos e tematizações. Nestas definições da realidade, além de um trabalho de reprodução de elementos da cultura e da sociedade que a constitui e da qual participa ativamente, pode ser percebido também esse trabalho discursivo concomitante de produção e instituição de sentidos. O conjunto de discursos da mídia (revistas, jornais, televisão, rádio, cinema etc.) traz uma multiplicidade de ‘vozes’ propondo diferentes definições do que seja “certo”, “bom” ou “bonito”. Estas definições são apresentadas sutilmente, sem estardalhaço: elas apenas estão ali – ou não estão. (BRAGA, 2009, p.3)

Hoje, através de aparelhos como celular, tablet, computador, etc., é possível comprar roupas, pedir comida, alugar imóveis, fechar contratos e outras infinitudes de coisas, tudo muito simples e fácil. O que importa não é um produto que simplesmente funcione, mas o poder de escolher, comprar e possuir o que é atual, aquilo que acabou de ser lançado no

mercado. O acúmulo de informação ocasionado pelo mundo moderno, traz apenas informação para o indivíduo, mas essa pessoa não adquire, necessariamente, conhecimento com propriedade das coisas ao seu redor, configurando uma notória discrepância dos nossos dias com aquelas pessoas que tinham acesso ao conhecimento nas décadas anteriores. É fato que, mesmo com essa situação, temos a vantagem de hoje existir um número maior de pessoas com acesso a algum nível de informação. Contudo, nada nos garante que apenas pela maior quantidade de informação disponível para um maior número de pessoas, teremos uma melhora da sociedade como um todo.

Todas as facilidades proporcionadas por esse novo modelo de sociedade afetam a forma de relacionar-se com o outro e com o próprio corpo, produzindo uma volatilidade e ocasionando um estado temporário e frágil das relações. Como afirma Mario Vargas Llosa, “nesse mundo, as coisas, mercadorias, passaram a ser os verdadeiros donos da vida, os amos que os seres humanos servem para assegurar a produção que enriquece os proprietários das máquinas e as indústrias que fabricam tais mercadorias.” (VARGAS LLOSA, 2013, p.14).

O que acaba se refletindo nas relações afetivas, que também estão cada vez mais frágeis e vazias de sentido. Com a facilidade e rapidez das redes sociais e dos aplicativos, passamos a escolher uma pessoa pela “capa”. Com os meios telemáticos a presença carnal do outro não é mais tão necessária. Através dos sites e aplicativos de relacionamento, rapidamente conhecemos um possível parceiro(a) e quando detectamos qualquer defeito, logo partimos em busca de um próximo “produto”. As pessoas deixam de buscar relacionamentos no “corpo a corpo” para buscar através de sites, produzindo assim um relacionamento mercadológico.

Ainda é comum encontramos senhores(as) com mais de 60 anos de idade que tiveram um único casamento durante anos. Porém, a cada ano, alguns valores, como manter um relacionamento e uma família por muito tempo, tem se modificado e hábitos como esse tem se desmanchado, esvaecendo e perdendo sentido no contexto da sociedade moderna, que, como afirma Bauman, liquefaz os sólidos.

Nessa nova construção da sociedade moderna do século XXI, faz com que uma das grandes preocupações do indivíduo seja ganhar seguidores e conseguir o máximo possível de *likes*, uma das formas de analisar o quanto você está sendo bem avaliado pelos usuários de uma determinada rede social. As pessoas medem a própria autoestima e a amizade pelos *likes* que recebem. Já não importa mais a veracidade de uma determinada foto, por exemplo, mas sim quantas curtidas ela teve. O sujeito deixa de “ser pensante”, para se tornar marionete do que chamamos hoje de *sociedade moderna*.

A velocidade e ferocidade com que o meio da comunicação e informação tem influenciado toda uma sociedade, influencia diretamente no comportamento das relações humanas com o consumismo capitalista. Os bens de consumo já não são mais fabricados para que durem. Existe uma necessidade acelerada de rotatividade desses bens, o que é conhecido como obsolescência programada. É importante que todo e qualquer produto seja, em um curto espaço de tempo, reinventado pelo seu fabricante. De acordo com Bauman:

São os grandes e poderosos que evitam o durável e desejam o transitório, enquanto os da base da pirâmide, contra todas as chances, lutam desesperadamente para fazer suas frágeis, mesquinhas e transitórias posses durarem mais tempo. (BAUMAN, 2001, p. 23).

Também para Vargas Llosa (2013), a busca e o consumismo incessante de produtos manufaturados, que mantém ativa e crescente a fabricação de mercadorias, “produz o fenômeno da “reificação” ou “coisificação” do indivíduo, entregue ao consumo sistemático de objetos, muitas vezes inúteis ou supérfluos” (VARGAS LLOSA, 2013, p.14). As “modas” e a publicidade que a indústria capitalista vai impondo, causam um “esvaziamento da vida”, de preocupações sociais e espirituais ou simplesmente humanas, isolando o indivíduo e destruindo a consciência que ele tenha dos outros, de sua classe e de si mesmo.

São novos modelos, novas utilidades e novos designs. Se adquire não apenas um bem, mas um *status* para aqueles que têm o poder de comprar novos sonhos de consumo. Causando grandes mudanças de comportamentos e padrões de vida. O que ocasiona um deslocamento do conceito de corpo como sujeito de si, para se tornar um objeto de outrem.

Segundo Bauman (2001), a relação frágil do indivíduo tem como pressuposto a transformação dos humanos em mercadorias que podem ser consumidas e jogadas fora a qualquer momento. Assim que o indivíduo se espelha em outras pessoas, e se baseia nas atitudes delas, perde toda sua essência e toma forma de um novo ser, não sendo nem o próprio indivíduo, nem o modelo a ser seguido. Assim, têm-se o fim da era do indivíduo.

Quer dizer que estamos passando de uma era de “grupos de referência” predeterminados a uma outra de “comparação universal”, em que o destino dos trabalhos autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo. (BAUMAN, 2001, p.15)

O individualismo faz com que a busca pelas causas comuns seja substituída pela necessidade desesperada de “fazer parte da rede”, necessidade esta despertada pelo estímulo ao consumismo desenfreado, orientado pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis. Com a descentralização de uma autoridade ditadora de leis, mesmo que ainda existente hoje, abriu-se caminho para um número maior de ditadores.

O tempo e a pressa, o medo e as relações superficiais, os valores e o consumismo, tomaram o lugar do “viver”, do “sentir” e do “humano”. Andamos como passageiros do nossos próprios corpos. Corpos esses repletos de informações, movimentos e narrativas. Neste mundo repleto de vazios, cheio de pessoas que parecem ter se transformado inconscientemente em marionetes, de coisas e ou de outras pessoas, a subjetividade e individualidade própria de cada ser humano tem se tornado aos poucos em uma “subjetividade coletiva”. Uma superficialidade do próprio ser no contexto social e cultural é a de que já não importa mais o Ser, mas sim o Ter.

São criadas “falsas necessidades” que geram o sentimento de que se deve estar sempre pronto para aproveitar as novas oportunidades. Nesse sentido, cria-se a necessidade de que o indivíduo tenha uma relação de exigência com seu próprio corpo, nada está bom, sempre há necessidade de mudar algo, “ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade” (LE BRETON, 2003, p.30). Nesta visão de sociedade somos apenas matéria, um produto que vai mudando, conforme o tempo passa.

Andamos como propaganda ambulante. No consumismo desenfreado, que rouba a individualidade até mesmo no “poder” de escolha, as pessoas perdem sua personalidade para se tornarem algo que a sociedade impõe. Etiquetas, letras e números, que na maioria das vezes nem percebemos, compramos e usamos, para nos moldar pelas as marcas.

O consumo em “Eu, Etiqueta” poema de Carlos Drummond de Andrade, pressupõe relação de comportamento, bem como a fabricação de identidade, devido a forma como o consumidor se relaciona com o produto. Transmitindo através de seu conteúdo a mensagem de que somos verdadeiras vitrines e uma extensão de identidades fabricadas para atender a sociedade de consumo.

Eu, Etiqueta

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
(...)
desde a cabeça ao bico dos sapatos,

são mensagens, letras falantes, gritos visuais,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.

É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando

(...)

Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim-mesmo,
de sua humana, invencível condição.

Agora sou anúncio,

(...)

E nisto me comprazo, tiro glória
de minha anulação.

Não sou – vê lá – anúncio contratado.

(...)

Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,

(...)

Hoje sou costurado, sou tecido,
sou gravado de forma universal,

(...)

Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.

Já não me convém o título de homem.

Meu nome novo é coisa.

Eu sou a coisa, coisamente.

Carlos Drummond de Andrade

O corpo é como um “anúncio ambulante” ou uma metamorfose ambulante de algo que não se sabe o que é. Marcas de indivíduo que em meio a tantas informações, já não sabe o que é certo ou errado, bem ou mal. Valores se perderem neste mundo permissivo e transitório. A superficialidade é fruto de uma “pessoa objeto”, concebida por mentes brilhantes. Segundo Carlos Drummond “uma coisa, coisante”. Nosso corpo expressa o discurso de quem somos, neste mundo repleto de vazios, o que deixamos de nós e o que levamos conosco pelo caminho? Qual o espaço para o afeto?

A ansiedade gerada pelo mundo moderno, causa uma desesperada forma de auto afirmação, “a substituição de ‘ser’ por ‘ter’, e a de ‘agir’ por ‘ser’ como valores mais altos e da ‘cultura de massas’, uma lesão cerebral coletiva causada pela indústria cultural, plantando uma sede de entretenimento” (BAUMAN, 2000, p. 29). O sistema de consumo em massa, evidencia uma relação com o corpo mediante um objeto que sublinha na representação de si, muito maior do que a identidade do indivíduo consigo mesmo.

Até meados do século XX, dois tipos de cultura se delineavam nas sociedades ocidentais, de um lado a cultura erudita dada pela elite, e de outro a cultura popular, produzida no seio das classes dominadas. A globalização da economia^[1], os avanços tecnológicos, principalmente a mídia eletrônica que aproxima o universo de qualquer indivíduo, resultaram numa variabilidade e numa densificação cada vez maior.

Tem-se retirado as distinções entre esses dois tipos de cultura. O acesso rápido e fácil com que as mídias tecnológicas aproximam o indivíduo a uma série de informações, muito embora não gerem profundidade e relevância. E o acúmulo de “conhecimento” se torna vazio de sentido. A partir dessa “globalização” de informações, nasce uma cultura de entretenimento que substitui universalmente a cultura.

Segundo Vargas Llosa, a cultura sempre estabeleceu categorias sociais entre as pessoas que a cultivavam e enriqueciam com contribuições diversas e faziam-na progredir e pessoas que não queriam saber dela, que a desprezavam ou ignoravam, ou então eram dela excluídas por razões sociais e econômicas. Em todas as épocas históricas, até a nossa, numa sociedade havia pessoas cultas e incultas, e pessoas mais ou menos cultas ou incultas, “e essa classificação era bastante clara para o mundo inteiro porque para todos vigorava um mesmo sistema de valores, critérios culturais e maneiras de pensar, julgar e comportar-se” (VARGAS LLOSA, 2013. p.35) . Em nosso tempo tudo isso mudou.

A noção de cultura ampliou-se tanto que, embora ninguém se atreva a reconhecer explicitamente, desvaneceu-se. Transformou-se num fantasma inapreensível, de massas, metafórico. Porque ninguém será culto, se todos acreditarem que o são ou se o conteúdo do que chamamos de cultura tiver sido degradado de tal modo que todos possam justificadamente acreditar que são cultos.” (IDEM, 2013, p.35)

De acordo com o autor, a cultura de massas vem criando, pela primeira vez na história, alguns “denominadores culturais dos quais participam sociedades e indivíduos dos cinco continentes, aproximando-os e igualando-os apesar das diferentes tradições, crenças e línguas que lhes são próprias” (VARGAS LLOSA, 2013, p.15). Possibilitando um aumento muito evidente a tendência para o trânsito e hibridismo dos meios de comunicação.

A cultura-mundo que, apoiando-se no progressivo apagamento das fronteiras operado pela ação dos mercados, da revolução científica e tecnológica (sobretudo no campo das comunicações). Essa cultura, diferentemente do que antes tinha esse nome, deixou de ser elitista, erudita e excludente e transformou-se em genuína “cultura de massas”: “Em total

oposição às vanguardas herméticas e elitistas, a cultura de massas quer oferecer ao público mais amplo possível novidades acessíveis que sirvam de entretenimento à maior quantidade possível de consumidores. (VARGAS LLOSA, 2013, p.15)

Com todas essas mudanças no comportamento do indivíduo, a mecanização e padronização de quereres e uma individualidade cada vez mais crescentes, produz uma mudança no que chamamos de cultura. Laraia (1986) apresenta a cultura como sendo todo o comportamento que é aprendido, independentemente do determinismo biológico.

E observava que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reverbera o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam: “A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações. Estas não são, pois, o produto da ação isolado de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade” (LARAIA, 1986, p.45).

De acordo com Laraia, o modo de ver o mundo, “as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, o resultado da operação de uma determinada cultura” (IDEM, 1986, p.68). Indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características comuns, tais como o modo de vestir, agir, caminhar, além da evidência das diferenças linguísticas.

Para Bauman, o que se queria alcançar do conceito de “cultura” não era de servir como registro de descrições, inventários e codificações da situação corrente, mas apontar um objetivo e uma direção para futuros esforços. Assim, a palavra cultura se atribuiu “uma missão proselitista, planejada e empreendida sob a forma de tentativas de educar as massas e refinar seus costumes, e assim melhorar a sociedade e aproximar ‘o povo’”, os que estão na “base da sociedade” (BAUMAN, 2013, p.8), daqueles que estão no topo.

Nesse contexto, Bauman aponta a cultura, como estando associada a um “feixe de luz” capaz de “ultrapassar os telhados” das “residências rurais e urbanas para atingir os recessos sombrios do preconceito e da superstição que, como tantos vampiros (acreditava-se), não sobreviveriam quando expostos à luz do dia”. (BAUMAN, 2013, p.8)

Esta cultura de massa, nasce com o predomínio da tela. A indústria cinematográfica, sobretudo a partir de Hollywood, “globaliza” os filmes, levando-os a todos os países, e a todas as camadas sociais, pois, tal como os discos e a televisão, os filmes são acessíveis a todos, não exigindo, para sua fruição, formação intelectual específica de nenhum tipo. Esse

processo se acelerou com a revolução cibernética, a criação das redes sociais e a universalização da internet.

Não só a informação rompeu todas as barreiras e ficou ao alcance de todo o mundo, como também praticamente todos os setores da comunicação, da arte, da política, do esporte, da religião etc. sofreram os efeitos transformadores da telinha. “O mundo-tela deslocou, dessincronizou e desregulou o espaço-tempo da cultura” (VARGAS LLOSA, 2013, p.16). Em nossa sociedade, essa ação da cultura sobre os corpos é em grande parte promovida pelo discurso midiático.

Essa nova cultura planetária desenvolve um individualismo extremo em todo o globo. Ao contrário, a publicidade e as modas que lançam e impõem os produtos culturais em nossos tempos são um sério obstáculo à criação de indivíduos independentes, capazes de julgar por si mesmos o que apreciam, admiram, acham desagradável e enganoso em tais produtos. “A cultura-mundo, em vez de promover o indivíduo, imbeciliza-o, privando-o de lucidez e livre-arbítrio, fazendo-o reagir à “cultura” dominante de maneira condicionada e gregária”. (VARGAS LLOSA, 2013, p.16)

A cultura ensina a seus membros maneiras específicas de usar seus corpos, todas as pessoas dormem, comem, andam, descansam etc., mas cada sociedade o faz de um modo diferente. Dorme-se em redes, esteiras, sentado ou no lombo de um cavalo; comem-se algumas coisas e não outras e em certas horas e lugares; da mesma forma, cada cultura tem um repertório de técnicas corporais que são ensinadas de geração em geração e que implicam em modos de usar o corpo.

A comunicação é uma atividade inerente à natureza humana que implica a interação e a posição comum de mensagens com significados, através de diversos canais e meios para influir, de alguma maneira, no comportamento de outros e na organização e desenvolvimento dos sistemas sociais. Considera-se a comunicação como um processo humano de interação de linguagens que se encontram além da transposição da informação.

A pessoa troca o tempo inteiro com o meio em que vive. É uma maneira de se reconhecer e assim sentir inserida na cultura. São as relações de subjetividade/pessoa, experiência vivida, que marcam a nossa existência e edificam a nossa cultura. Segundo a etnologia, a cultura é um conjunto de produções significantes de uma sociedade, o que implica em linguagem, tradições, maneira de viver, de se mover. Cada cultura estabelece uma relação do humano com o meio em que vive, e essa relação é aprendida durante o cotidiano.

CONCEPÇÃO DE CORPO E INFLUÊNCIA NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

A vida, o mundo e o homem manifestam-se por meio do movimento. Dançar é mover-se com ritmo, melodia e harmonia. Klauss Vianna

Uma das formas de conhecer o mundo e encontrar uma relação corporal com a totalidade da existência é a partir da dança. A dança, como todas as artes, é um instrumento de conhecimento, que possibilita desenvolver capacidades cognitivas, sensoriais, motoras, e traz à tona a expressividade do ser humano e sua vivência com o mundo que o cerca, onde se pode mergulhar e viajar, conhecer seus ritmos e formas.

A corporeidade da dança modifica, transforma e reinventa novas formas, assim da mesma maneira o sujeito em si, que transforma a partir de seus próprios recursos e meios, dessa maneira a dança reverbera como produção de corpo que lhe corresponde. “A dança coloca em cena corpos em movimento que produzem significados e estabelecem diferentes modos de enunciação e percepção” (SETENTA, 2008, p.10).

O corpo e discurso, o corpo e a palavra chamam a atenção para a importância dos enunciados, como emissores de singularidades. Pensar o corpo que dança sem se descolar dele. Observá-lo no seu fazer, sem deixá-lo em segundo plano, a partir do corpo que, em sua produção, constitui sua fala, “no enunciado, tudo é real e toda realidade se manifesta.” (GREINER, 2012, p.3).

Assim, segundo Almeida, sempre existe uma correlação entre o símbolo e o motivo, a palavra e a coisa, o significante e o significado:

As palavras são compostas por letras que formam sílabas que formam palavras que formam períodos que formam um discurso. Um discurso que codifica significados para a comunicação de mensagens entre intérpretes de emissão e recepção. (ALMEIDA, 2015. p. 89)

Também Louppe, concordando com essa perspectiva, afirma que “os corpos são atravessados ou atingidos pelo que fazem ou pelo que apreendem” (LOUPPE, 2012. p. 32). O corpo humano da dança contemporânea é um corpo crítico, ele precisa treinar e se envolver com o tema, suas ferramentas, seus objetos. Ser bailarino é escolher o corpo e o movimento do corpo como instrumento orgânico de saberes, pensamentos, expressão e “também no caráter ‘lírico’ do orgânico, sem por isso lhe atribuir uma estética ou formatação precisa” (LOUPPE, 2012.p.69).

É preciso trabalhar as condições orgânicas do corpo, para assim tornar o corpo em uma ferramenta de conhecimento e de sensações. Contudo, apenas o material orgânico do corpo, não capaz de acessar tão facilmente conhecimento da consciência global do eu, para Louppe, a dança exige um trabalho infinito a fim de aprofundar essa mesma consciência. Um grande artista de dança é aquele que optou pelo estado de corpo autônomo e consciente, sendo inventor da sua própria corporeidade.

A dança conecta o corpo do âmago do próprio ser, e expressar o que as palavras e os discursos não conseguem dizer, dançar é falar/viver através do movimento, da respiração, da pausa, do próprio corpo, é sentir, ouvir e perceber. “Os corpos compõem textos, falas que se constroem para serem percebidas e reconhecidas” (SETENTA, 2008. p.31). E nesse contexto pensando o corpo como gerador de questões e não receptáculo reprodutor, de passos ordenados e, longe de pretender encontrar soluções e respostas definitivas, permite investigar de que maneira os questionamentos do corpo estão se resolvendo no próprio corpo.

A necessidade da busca, da liberdade de expressão e de sentimentos, é algo natural da natureza humana. Algo que dificilmente acontece, através da dança pela dança, como algo mecânico e padronizado. A dança é usada como uma busca de liberdade de expressão um extravasamento, de tudo que não é compreendido através das palavras, seja por causas de pressões psicológicas, emocionais e até mesmo políticas.

O conceito de liberdade é muito extenso e subjetivo, tendo em vista que para cada ser humano ele assume um sentido diferente de acordo com os anseios pessoais de cada um. Ao falar sobre liberdade enveredamos principalmente pelo lado das liberdades de expressão, exposição de sentimentos. A liberdade representa o que grande parte das pessoas sente ao dançar, liberdade de expressão, liberdade de movimentos, leveza. Quanto ao movimento, ele pode assumir tanto o sentido dos passos realizados pelos bailarinos quanto o movimento que acontece nas vidas de quem dança ou a assiste, são transformações constantes.

A dança não é apenas feita de movimento ou do corpo. Elementos fundamentais que, em conexão, formam a dança, qualquer que seja ela, movimento, espaço, som e corpo. A dança, qualquer dança, é uma relação entre o movimento, o espaço, o som e o corpo. Não há dança sem essa relação. A articulação entre esses elementos, a integração e não apenas uma soma deles é que gera a dança, a sua produção de conhecimento em dança.

É perceptível que a dança, assim como a cultura, a sociedade e até mesmo os bens de consumo, têm se tornado cada vez mais fluidos, líquidos, maleáveis, deixando de ser algo longínquo e distante para ser cada vez mais acessível e cotidiano. A dança reflete o seu

tempo, o pensamento dos artistas da época, a subjetividade individual e coletiva, a heterogeneidade da sociedade atual.

A partir do que discutimos até aqui, é importante pontuar que o objetivo deste trabalho não é trazer um novo conceito que defina a dança, tão pouco explicar os estilos, movimento e técnicas específicos pertencentes a imensa gama que a dança atua. Mas, apontar, questionar e discutir as influências geradas pela sociedade moderna, sobre o campo da dança e do corpo. Importa aqui discutir a constituição da fala da dança que se organiza no corpo, tendo em vista que ela também resulta do vínculo com a sociedade e com as estruturas de poder.

Há quem diga que a dança é fruto da necessidade de expressão do ser humano, uma necessidade intrínseca à natureza humana, através da qual pode-se expressar tudo, podendo ser vista como um meio para adquirir conhecimentos, como opção de lazer, fonte de prazer, desenvolvimento da criatividade e até como importante forma de comunicação. Podendo expressar seus sentimentos, permite criar, inovar, romper com normas, regras e padrões hierárquicos. Segundo esse ponto de vista de concepção da dança, como apenas um meio das vontades humanas, o sentido da dança fica limitado, a vontade de expressão do *ser*, seja ela qual for.

Em objeção à ideia de que a dança é apenas uma necessidade humana, há quem diga que a dança é algo além da existência material, que ela existe independentemente de um intérprete, de uma pessoa que egoistamente expõe determinado sentimento, anseios, questionamentos e outras infinitudes de coisas. A dança, ela por si só, dança. Podendo ser visto em qualquer lugar, até mesmo em elemento da natureza, como por exemplo, o balançar dos galhos e das folhas de uma árvore, no movimento das águas. “O corpo nunca será um instrumento de expressão do dançarino porque ele é o corpo. Eu não sou objeto de expressão de mim mesma: me expresso simplesmente”. (ALMEIDA. 2011)

Em todos os contextos históricos da humanidade, o homem sempre buscou se expressar, e uma das formas dessa expressão aconteceu através da arte da dança. Em que praticava em diferentes ocasiões, no período de colheitas, nos rituais aos deuses, na época das caçadas, nos casamentos, em momentos de alegria ou tristeza, ora deixando registros, ora deixando apenas a experiência estética vivenciada no momento.

A dança teve forte influência nas sociedades ao longo dos tempos. Como via de socialização e disseminação de cultura, proporcionou ao mundo o conhecimento sobre a diversidade cultural dos diferentes povos em todo mundo, especialmente através das danças folclóricas. E é considerada, por alguns teóricos da estética (como Susanne Langer [1980],

por exemplo), como a mais completa das artes, por envolver elementos artísticos como a música, o teatro, a pintura e a escultura, sendo capaz de transmitir tanto as mais simples quanto as mais fortes emoções.

Em cada período histórico a dança sofre transformações de acordo com as mudanças vividas pela sociedade, como é o caso, por exemplo, da dança moderna, que teve origem no início do século XX. Onde surgiu a partir de uma necessidade de liberdade de pensamento sobre a dança, o que possibilita que os novos teóricos criassem uma nova forma de expressão, que saísse da insipidez do tradicional Balé Clássico.

O surgimento da dança moderna também foi marcado pelo impacto da Primeira guerra mundial, pois já não era mais possível dançar sobre um mundo de irrealidades ou fantasias, mas era preciso celebrar a verdadeira condição humana, suas vitórias e fracassos. E com isso, a dança assim como o corpo, sofreu mudanças para se adequar ao seu tempo, a exemplo da arquitetura, as artes plásticas, a pintura, a música e a poesia.

A dança permeia em todo o espaço de tempo, ela foge de toda rigidez impulsionada, por guerras, avanços tecnológicos e tradições culturais. A dança como um canal de fuga, de cura, de fala para todos aqueles que faz uso dessa bela arte. “O corpo em ação reúne e troca informações produzindo textos que ampliam os seus discursos, onde é possível perceber formas de poder, de censura, e de exclusão” (SETENTA, 2008. p.35). Os movimentos e gritos gerados por corpos ansiosos por mudanças e indignados por outras tantas coisas.

Não é incorreto afirmar que a dança é um movimento político que move pensamentos e que provoca discussão em todos os espectadores; de uma maneira ou de outra, ela faz com que as pessoas parem sua rotina por alguns minutos, seja para questionar, criticar ou simplesmente contemplar a arte. A maneira pela qual cada um responde a isso, como as atitudes que refletem o contexto em que se encontra, são aspectos políticos do fazer. Isso não é diferente na prática artística.

O corpo ao se expressar, independentemente da forma, execução ou ação, se manifesta de forma política. Assim, para Setenta (2008), o emprego do conceito de política não é restrito à politicagem de partidos políticos ou governos, mas como um modo de operação do corpo.

O uso de conceito de político nesse sentido vincula-se à compreensão de que se as ideias se organizam no corpo, e o corpo assim formado é sempre político, isto é, sempre age no mundo a partir de uma determinada coleção de informação. Cada coleção implica em um determinado modo de se agir no mundo, cada qual com sua consequência política. Faz pensar ainda nos

procedimentos do corpo que dança a partir de modelos convencionalizados, sistematizados. (SETENTA, 2008, p.29)

De acordo com Setenta, a implicação política no entendimento do corpo como realizador de atos de fala performativos, de performatividade que significa não só o modo de se apresentar no mundo, mas a própria constituição de um tipo de mundo, indica a existência de situações de poder na relação do social e do corporal e, por conta disso, “provoca a mobilização de ações que recontextualizam condições pré estabelecidas” (SETENTA, 2008. p.29).

Decorre daí uma tomada de atenção para situações de falas consideradas dizíveis e aquelas consideradas indizíveis. Como afirma a autora, “considera-se a ocorrência de escolhas na organização da fala processada no e pelo corpo que dança; que constrói sua fala enquanto se move”. (SETENTA, 2008. p.33). A presença do humano se realiza a partir da sua corporeidade, não existindo assim um intervalo entre o pensamento e a ação. O que uma pessoa pensa é intrínseco ao que ela é. O indivíduo pensa e age, e assume uma forma plástica, na qual várias coisas as modelam.

A concepção de dança vem mudando ao longo do tempo, acompanhando ela o seu próprio ritmo, ou o ritmo do corpo em uma sociedade fluida. Todas as mudanças ocasionadas na sociedade pela globalização cibernética, influencia diretamente no comportamento do corpo, alterando a forma que o indivíduo se relaciona com o mundo a sua volta e com o próprio corpo.

No passo em que a cultura e o meio social se modificam, assim o corpo também sofre modificações, sendo o corpo uma construção simbólica do meio social e cultural em que vive, e não uma realidade de si. De acordo com Le Breton, a noção moderna do corpo é um efeito da estrutura individualista do campo social, uma “consequência da ruptura da solidariedade que mescla a pessoa a um coletivo e ao cosmo por meio de um tecido de correspondência no qual tudo se entrelaça” (LE BRETON, 2013.p 21).

A autora Marcia Almeida, traz a definição do corpo no mundo moderno, como um corpo plástico, que se transforma facilmente a partir do seu contexto social, se modificando em outras coisas que não seja necessariamente aquilo que ele é realmente. Esse conceito de plasticidade proposto por Almeida, aponta o ser humano como um ser plástico por natureza. Em que o corpo passa por “experiências que o transforma e a cada transformação da pessoa, em razão de novas experiências, encontra-se novas formas expressivas. O corpo dançante remodela o mundo, da mesma maneira que o mundo o remodela”. (ALMEIDA, 2011).

Para a autora, a “plasticidade é em si o “plástico” (ALMEIDA. 2015, p.93). Sendo assim um material que pode assumir diversas formas, dependendo dos usos a que se destina. De um lado modela e de outro transforma, destruindo a forma existente. Segundo Almeida, a característica de plasticidade corporal, sua adaptabilidade ao ambiente, fica claro pela dinâmica da expressão nos gestos do cotidiano.

Logo de acordo com Almeida, “a corporeidade passa por transformações e a pessoa é afetada na sua maneira de experimentar as dimensões do tempo e do espaço” (IDEM. 2015, p.95). As mudanças afetam a forma de uma pessoa se situar no mundo. Isso quer dizer que a pessoa transforma a sua plasticidade e através dela transforma o que está a sua volta.

A plasticidade corporal é esse modelar-se a partir do contato do sujeito com o lugar. A plasticidade corporal imprime o sintoma, desvela as digitais, marcas particulares que deixamos ao tocar o mundo. (...) dito de outra maneira, a plasticidade corporal é a forma que se mostra desse vai e vem tecido entre pessoa e mundo. Sendo assim, a extensão além de sua anatomia mescla a pessoa com o que compreendemos por espaço, evocando a virtualização constituída em nosso cotidiano. Essa troca dinâmica entre a corporeidade e o mundo a nossa volta incentiva um eterno redesenhar do mapa corporal. (ALMEIDA. 2015, p.94)

Quando percebemos que a corporeidade é o resultado da ligação de uma infinidade de coisas, materiais e imateriais, torna-se mais fácil a compreensão de que o espaço corporal toma a forma do espaço. Em outras palavras, a corporeidade é fluida, maleável e isso implica em constante transformações que engendram mudanças sociais e individuais.

A questão da subjetividade em que esse “mundo globalizado” nos faz mergulhar em águas profundas de um isolamento de pensamento, que busca uma afirmação constante do “eu”, fazendo com que o “eu” e o “outro” esteja em margens muito distantes. Isso provoca uma *incomunicação*.

Um quadro rigoroso e inquietador que a sociedade moderna “criou”, e que permeia principalmente a “geração Z”, a dos jovens de hoje, conhecidos pela sua alta conectividade, na qual cria-se pessoas extremamente ansiosas, individualistas e que busca uma aparição “perfeita” do corpo. Essa geração do início do século XXI, a única geração até hoje totalmente *online*, que tem por características a compreensão tecnológica, a capacidade de exercer multitarefas, a velocidade de acesso a conteúdos, impaciência e interatividade.

A instantaneidade e ansiedade são grandes marcas geradas por esse mundo moderno, a geração de um corpo que se transforma cada vez mais em corpo máquina, sem sujeitos nem afetos. O “fator de individuação no plano social, no plano das representações, o corpo é

dissociado do sujeito e percebido com um de seus atributos”. (LE BRETON. 2013, p.33). E é isso que faz com que possamos perceber que...

...o corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o *ser-no-mundo*, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um *kit*, uma soma de partes eventualmente destacáveis a disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal de afirmação pessoal. (LE BRETON, 2003, pag. 28 - grifos do autor)

Esse novo modelo de corpo que vem se construindo a partir da sociedade contemporânea, ao se transformar destrói o que havia sido formado, formando e se adaptando a uma nova forma. As ações e produções humanas mudam constantemente e se misturam as formas existentes e conseqüentemente criam uma nova modelagem que, para Le Breton, “resulta do recuo das tradições populares e do advento individualismo, marca a fronteira entre o indivíduo e outro, o encerramento do sujeito em si mesmo”. (IDEM. 2013, p.33).

A cada instante, o indivíduo interpreta seu meio por intermédio de seu próprio corpo e age sobre ele de acordo com as orientações provenientes de sua educação ou de seus hábitos. A condição humana é corpora. Há uma conceituação do corpo, da mesma maneira que há um arraigamento carnal do pensamento. (LE BRETON. 2003, p.190)

Estamos vivendo em um mundo em que é preciso pensar não apenas no individual mas também em um modo conjuntamente, o que Christine Greiner (2012) chama de *terceira margem*, que é essa ponte de mediação para que ocorra a troca de informação e experiência. Uma vez que levamos em consideração seu caráter único e sua complexidade, aquele que incorpora hábitos, crenças, identidades provisórias a partir de suas relações sociais, que possibilitam ao sujeito com seu corpo (re)definir a própria corporeidade, seu estar no mundo. A identidade do sujeito está estreitamente ligada ao “lugar” ao qual pertence e a seus acordos sociais, onde exerce o perceber o mundo estruturando seu próprio “eu”.

FLUIDEZ NA DANÇA

Na influência do mundo moderno, o corpo oferece uma estética, uma imagem que deve diferenciar-se dentro do espetáculo da realidade. Nesta era audiovisual, em meio a referências dispersas e a relações ausentes de afetividade, estar na imagem garante aos sujeitos a proximidade do outro por meio do olhar. Identificar-se, portanto, com o referencial estético do momento traz ao sujeito contemporâneo a sensação de estar no mundo, de se fazer existir na volatilidade e “descartibilidade” da realidade.

O corpo da dança da atualidade aponta uma nova compreensão de corporeidade, como se refere Setenta:

O corpo é sempre o estado de um processo em andamento de percepções, cognições e ações mediadas. O corpo organiza as suas mediações e a sua relação com o mundo, onde tanto opera a regularidade quanto o acaso. O corpo é mídia não no sentido de ser um primeiro veículo de comunicação, mas como produtor da comunicação de si mesmo, daquilo que ele é no momento em que se comunica. As negociações desencadeadas pela relação de troca com o ambiente constroem o corpo que atua de modo singular numa presentidade imediata. (SETENTA, 2008, p. 36)

Vivemos em uma sociedade que tem criado pessoas extremamente dependentes da tecnologia, digo até submissas, pela praticidade e facilidade proporcionadas por aparelhos como, celulares e computadores, onde a rede de informação e conteúdos alcançam um tamanho estrondoso. Em contrapartida à crescente globalização da tecnologia, os movimentos do corpo têm se tornando cada vez mais mínimos e repetitivos, tudo isso provocado pela mecanização e robotização do uso do corpo, como apenas objeto de consumo das “máquinas”.

Assim como a sociedade moderna, a dança contemporânea está em constante construção e apresenta uma pluralidade estética, descontinuidade, diversidades de códigos, não impõe modelos rígidos, os corpos dos dançarinos já não têm mais um padrão preestabelecido de movimentos, bem como os tipos físicos que podem fazer uso da dança, que são gordos, magros, altos, baixos e de diferentes etnias. A narrativa da dança contemporânea é fragmentada, o público é convidado a colocar e tecer variados caminhos na construção de sentidos por meio da fruição dos espetáculos.

Ações e movimentos cotidianos como correr, andar, pular; o corpo nú, e os ruídos sonoros se tornam plano de fundo para a dança contemporânea, que incorpora esses movimentos trazendo para a cena situações comuns para a maioria das pessoas, o que muitas

vezes aproxima o espectador da obra que se construiu. Uma dança que acontece no aqui e agora. Para Ana Maria José, “o corpo que dança na cena contemporânea apresenta-se como transformação do real, da transgressão do cotidiano” (JOSÉ, 2011, p. 3)

A possibilidade de criar, inovar, romper com normas, regras e padrões hierárquicos, de se diferenciar e ser diferenciado vem ao longo da história da dança, estimulando corpos dançantes à ter um espaço de fala, revelando diferentes formas de linguagem expressiva do corpo, “demonstrando seu modo de ver-sentir pensar e estar em comunicação com a realidade e com o mundo”. (JOSÉ, 2011, p. 3)

As subjetividades e o imaginário inerente das sociedades contemporâneas que implicam na possibilidade de construção de novas e diferentes experiências estéticas, existem uma infinidades de significados e conceituações para a dança contemporânea, por se tratar de um campo de conhecimento amplo, aberto, vivo, fluido e por estar em constante construção e em transformação contínua:

A arte contemporânea é composta pela reunião de uma considerável diversidade de estilos, movimentos e técnicas. A arte reflete o seu tempo, o pensamento dos artistas da época, a subjetividade individual e coletiva, a heterogeneidade da sociedade atual, privilegia aspectos relacionados à interdisciplinaridade, o pluralismo estético e a alteridade, dentre outros. (JOSÉ, 2011, p. 4)

De acordo com Louppe, a dança, principalmente a dança contemporânea, não produz imagens fixas. Ela suscita atos. “A análise e a transmissão do ato, passa pela contaminação entre os estados criados enquanto o movimento se desenvolve em graus de qualidades de energia, em tonalidades” (LOUPPE, 2012, p. 9). A insólidez da dança na contemporaneidade não se deixa passar por um enquadramento de tradução, já há não tanto a preocupação no que está sendo dito, apenas uma incansável vontade de falar algo. Hoje a dança pode ser sobre qualquer coisa, pode ser encenada em qualquer lugar, existe uma autonomia de cada parte do corpo e independência de músicas, o corpo é decomposto de maneira objetiva, apresenta vários eixos moveis e plásticos.

No tempo atual, permeados pela *sociedade moderna*, o “pluralismo estético e ecletismo se fazem presente, período este onde não existe a negação de absolutamente nada, tudo é reapropriado e aceito” (JOSÉ, 2011, p. 10). Há a ruptura de diferentes formas de construção do corpo, mudança radical do conceito tradicional de dança, já não há necessariamente passos coreografados, músicas e talvez sequer movimentos compreendidos enquanto deslocamento no espaço. Hoje, essas características da dança já não têm tanta

importância, é possível ver dança até mesmo sem um corpo, apenas com objetos, como é o caso da Instalação de Daniel Wurtzel- Pas de Deux, em que é perceptível ver dança através dos tecidos se movimentando, dando a sensação de ritmo, forma e dança.

De acordo com Rookmaaker, a arte seja ela qual for tem um lugar complexo na sociedade. “Ela cria as imagens significativas pelas quais são expressas coisas importante e comuns. Por meio da imagem artística, a essência de uma sociedade torna-se uma propriedade e uma realidade comuns”. (ROOKMAAKER, 2010. p, 52) Com o sentimento novo de ser um indivíduo, de ser si mesmo, antes de ser o membro de uma comunidade, o corpo se torna a fronteira precisa que marca a diferença de um homem em relação ao outro.

A arte não é neutra, ela permeia e é permeada, a todo tempo, em qualquer época e situação por cada corpo que dispõem-se propagar, disseminar, difundir e transmitir um pouco de cada arte, que cada indivíduo vive. “Podemos e devemos julgar seu conteúdo, seu significado e a qualidade do entendimento acerca da realidade que está incorporada nela” (ROOKMAAKER, 2010. p, 51). A dança mesmo que seja simples, deve ser clara, nunca tola ou superficial.

É notória a diferença entre pessoas que nasceram em meio à cultura cibernética, das que nasceram tempos antes, principalmente em se tratando com relação a crianças, onde essa diferença se torna ainda mais visível. A organização corporal era diferente entre essas duas gerações, tinha-se maior dinâmica corporal, brincadeiras que proporcionavam a interatividade com outras crianças e até com elas próprias. Em meio a brincadeiras com “realidades virtuais”, a realidade de brincadeiras como pular corda, amarelinha, queimada e entre tantas outras, aos poucos tem desaparecido do nosso cotidiano e até mesmo nas escolas.

Dizem que as crianças e adolescentes são o futuro da raça humana. Em meio a era da tecnologia, como estamos cuidando dessas crianças? O quê, e como temos ensinado? O fato de que crianças possuam o contato com o mundo tecnológico cada vez mais cedo acarreta em um deslocamento de sentido do corpo, produzindo crianças e adolescentes inseguras, ansiosas e até mesmo com camadas de movimentos reduzidos sem nenhuma ou pouca consciência corporal. O comportamento de cada indivíduo corresponde ao modo de como construímos e criamos camadas de conhecimento ao longo dos anos. É impossível que aconteça um retrocesso de tais tecnologias, mas o que importa é como estamos sendo impactados por essas mudanças tecnológicas no corpo, no movimento e na dança.

Ao passo que as estruturas da sociedade moderna vão se modificando e quebrando velhos moldes ao longo do tempo e sendo substituída por outras, a dança, por estar presente em todos os contextos históricos, sociais e culturais, também vai alterando a sua forma.

Assim como o indivíduo remodela-se de acordo com as novas formas de “liberdade” e busca um novo nicho apropriado para se acomodar e adaptar. A dança também se liquefaz induzido por um corpo líquido, maleável, fluido e transitório produto da sociedade moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia para a pesquisa e escrita deste trabalho veio a partir da série *Black Mirror* que é uma série de televisão britânica criada por Charlie Brooker, cuja temática envolve ficção científica e um futuro distópico, que refletem o lado negro das telas e da tecnologia, mostrando que nem toda novidade traz só benefícios.

O episódio que surgiu como inspiração para o desenvolvimento da pesquisa foi o primeiro episódio da terceira temporada de *Black Mirror*, “Queda Livre”, que apresenta uma sociedade preocupada em especial com a aparência enquanto afirmação de sua felicidade, na qual as pessoas são avaliadas por meio de um aplicativo, que administra diferentes redes sociais bem como a celulares, tablets e computadores, através de notas que variam de uma a cinco estrelas. A nota atribuída aos indivíduos determina as suas condições de vida, pois regulamentam o acesso aos serviços de transporte (utilização de aeroportos, aluguel de carros, etc.), estipula o lugar no mercado de trabalho, o local onde eles podem morar e até mesmo a forma dos relacionamentos comerciais, pessoais e afetivos. Essa sátira é um simples espelho do mundo moderno em que vivemos hoje. Estamos todos em maior ou menor nível, atrás de *likes* e de reconhecimentos.

A partir da perspectiva do indivíduo afetado e influenciado pela sociedade e por mídias tecnológicas, por meio de notas atribuídas a cada comportamento social, afetivo e cultural, como visto através das lentes da ficção científica por meio da série *Black Mirror*, me interessou pesquisar como essas afetações socioculturais modificam e transformam o corpo e a dança.

Grande parte desse trabalho foi trazido a partir das minhas lentes de percepções sobre a sociedade moderna na qual todos nós estamos inseridos. Essas lentes de multi formas e cores que surgiram a partir de percepções cotidianas, das minhas relações pessoais e interpessoais, dos meios socioculturais dos quais faço ou não parte, as diferenças e igualdades das crianças em escola pública e privada da qual tive a oportunidade de me relacionar, conviver e conhecer através dos estágios obrigatórios da faculdade, e até mesmo da diferença da minha própria educação familiar com relação a minha irmã caçula de três anos. Todas essas afetações e inquietações me impulsionaram a buscar caminhos para compreender os impactos, consequências e mudanças nas pessoas causadas pela sociedade na atualidade.

Antes de definir o tema aqui trabalhado (“A subjetividade da dança na sociedade fluida”), passei por outros assuntos, como a política da dança e intervenções urbanas, que

foram temas que já vinha pesquisando e escrevendo ao longo do curso de Licenciatura em Dança, sendo que até mesmo tinha escrito o pré projeto sobre dança e política, onde falava sobre os atos de falas da dança no corpo político.

Porém, com cerca de um pouco mais de dois meses para a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), decidir mudar completamente o foco da pesquisa, dentre outros motivos e sem pontuar por grau de importância, o episódio “Queda Livre”, da série *Black Mirror* teve um papel divisor de águas para tal decisão. Esse episódio foi como a lâmpada que acendeu em minha vida, como um despertar para tudo que estava vivendo naquele momento.

A pesquisa para o TCC foi realizada com pouco tempo de pesquisa, o que deixou no trabalho algumas fragilidades e lacunas por causa do pouco tempo destinado à pesquisa, leitura e escrita, e isso fragiliza bastante os argumentos para a defesa do tema escolhido.

Apesar do pouco tempo que tive para leitura e escrita, percebi, no processo, mudanças na minha concepção de personagens e papéis que a sociedade moderna nos induz a ter com relação ao corpo e ao outro, e como essas afetações culturais influenciam a leitura de dança, tanto de quem faz, quanto do espectador.

Esse trabalho é apenas o caminho inicial para futuros projetos e pesquisas, uma abertura para nossas pontes para um caminho mais concreto e consistente, nessa longa e árdua trajetória de pesquisa sobre as subjetividades da modernidade, do corpo e da dança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Márcia. Dança Líquida. 2011; Tema: **Arte coreográfica/Dança contemporânea-** Artigos. (Blog). Disponível em: <http://flordechitaempoemas.blogspot.com/2011/07/plasticidade-corporal-e-danca.html>, acessado em 13/11/2018.

ALMEIDA, Márcia. **Arte Coreográfica: Plasticidade Corporal e conhecimento sensível**. In: Márcia Almeida. (Org.). A cena em Foco: artes coreográficas em tempos líquidos. 1º ed. Brasília: Editora IFB, 2015,v.1, p. 89-116.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**/ Zygmunt Bauman; tradução, Plínio Dentzien.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo moderno líquido**/ Zygmunt Bauman; tradução, Plínio Dentzien.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013.

BRAGA, Adriana. **Corpo, Mídia E Cultura**. RAZÓN Y PALABRA, Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación (2009). Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/CORPO%20MIDIA%20E%20CULTURA.pdf>, Acesso em 12/11/2018.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia Científica** / Amado Luiz Cervo, Pedro Alcino Bervian, Roberto da Silva. 6º ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário** / Teixeira Coelho. 2º ed. [rev. e ampl.] São Paulo: Iluminuras, 2012.

GREINER, Christine. **Repensando as artes do corpo**. Núcleo Interdisciplinar Pesquisas Teatrais- UNICAMP: Revista do LUME, 2012.

JOSÉ, Ana Maria de São José. **Dança contemporânea: um conceito possível?** / V Colóquio Internacional 'Educação e Contemporaneidade'; São Cristóvão- SE, 2011.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7º ed. São Paulo: Atlas,2010.

LANGER, Susanne K. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociologia**/ David Le Breton; tradução Marina Appenzeller. – Campinas; SP: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**/ David Le Breton; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 3º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** / Pierre Lévy; tradução de Paulo Neves. 2º ed. 160 p. São Paulo: editora 34, 2011.

LOUPPE, Laurence. **Poética da Dança contemporânea**/ Laurence Louppe; tradução Rute Costa. 1º ed. Portuguesa, Lisboa, agosto 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. 1904-1961. **Fenomenologia da percepção** / Maurice Merleau-Ponty; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. – 4º edição. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.

ROOKMAAHER, H. R. (Hendrik Roelof). **A arte não precisa de justificativa**/ H. R. Rookmaaher; tradução de Fernando Guarany Jr. – Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

SANT'ANA, Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**/ Denise Bernuzzi de Sant'Ana. – São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo : dança e performatividade** / Jussara Sobreira Setenta. - Salvador : EDUFBA, 2008.

VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo** [recurso eletrônico]: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura / Mario Vargas Llosa ; tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.